

Figurações da escrita biográfica



Auguste Renoir. Les deux sœurs (détalhe). 1889.

Alexandre de Sá Avelar

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Autor de *Os desafios do ensino de História: problemas, teorias e métodos* (no prelo). Curitiba: IBPEX. alexandre.avelar@uol.com.br

Figurações da escrita biográfica

Alexandre de Sá Avelar

RESUMO

Poucos duvidariam da pertinência historiográfica da biografia nos dias de hoje. Seu estatuto de legítimo objeto de pesquisa histórica se consolidou após um longo período de ostracismo, no qual predominaram as análises calcadas na longa duração e na história serial, típicas dos *Annales*. Por outro lado, ela é cada vez mais alvo de críticas, tanto quanto ao seu caráter “ilusório” como à sua pretensão de oferecer um relato coerente e homogêneo da vida de um indivíduo. O objetivo deste texto é examinar as figurações da escrita biográfica, apontando, ao mesmo tempo, para sua necessidade intelectual e epistemológica e para suas incertezas. Defende-se a idéia de que o gênero biográfico se renova justamente pelas mutações que conheceu em suas modalidades de apresentação narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: biografia; historiografia; escrita.

ABSTRACT

Few scholars would doubt about the historiographical importance of biography nowadays. In fact, biography consolidated its position as a legitimate object of historical investigation after a long period of ostracism, marked by the predominance of analyses based on a *longue durée* approach as well as on the so-called serial history, characteristic of the *Annales*. Yet, it has been increasingly criticized due to its alleged “delusive” character as well as to its ambition to offer a coherent and homogeneous account of an individual’s life. This article aims at examining the figurations of the historical writing while also highlighting biography’s intellectual and epistemological necessity, despite all uncertainties surrounding it. I contend that the biographical genre renews itself thanks to the mutations experienced in several of its modalities of narrative presentation.

KEYWORDS: biography; historiography; writing.



Existirmos

A que será que se destina?

(Caetano Veloso, “Cajuína”)

O fragmento dessa bela canção de Caetano Veloso, feita em homenagem ao poeta Torquato Neto, representa a pergunta que todo historiador-biógrafo se faz ao recontar a trajetória de um indivíduo. Afinal, o que significa uma existência? A busca de transcendência, através do relato que ilumina e dá sentido à vida evanescente e fulgurante, legítima, desde os

antigos, o discurso biográfico. Como em outros tempos, nosso gosto pela biografia ancora-se num extenso leque de interesses pelo “outro”, por suas experiências de vida, sua exemplaridade, curiosidade essa não isenta de voyeurismo. O vivo interesse por trabalhos biográficos – refletindo-se numa pluralidade de públicos, leitores e audiência – talvez exceda a simples lógica de mercado ou os apelos que sempre parecem exercer os personagens notáveis. A multiplicação de relatos autobiográficos, de entrevistas, de perfis e de escritas de vidas de personagens ilustres ou não pode ser indicativa de uma “tonalidade particular da subjetividade contemporânea”¹. O mercado editorial de obras biográficas atesta a vitalidade do gênero em nossos dias.

A biografia nunca teve fronteiras claramente delimitadas. Uma das razões do seu perene sucesso editorial foi sua capacidade de romper limites canônicos estabelecidos e de ocupar espaços em meio a literatos e historiadores². O gênero conformou-se em uma série de discursos narrativos consagrados à busca de presentificar a trajetória passada de um indivíduo, de figurar no instante o remoto, além do desejo de imortalizar o personagem. Em nossa contemporaneidade – pós-moderna? – uma nova inscrição discursiva postula o descentramento do sujeito, a crise da razão, a hibridação, a mescla de cânones e narrativas. O caminho abre-se a novas interrogações, à formulação de novos problemas e ao questionamento dos postulados nos quais se assentavam a produção historiadora. O gênero biográfico, obviamente, não escaparia ileso a essas mudanças.

A partir dos anos sessenta, a emergência dos debates que atestavam um rompimento com a modernidade passou a dar o tom do cenário cultural e ideológico nos países de capitalismo avançado. Acreditava-se que os sinais do Iluminismo já não eram mais visíveis: viveríamos agora uma era de incertezas, de descrença nos grandes relatos que organizavam as ações humanas, na centralidade do sujeito racional e na possibilidade de que ele fosse construtor do conhecimento científico. Para os entusiastas dessas mudanças, elas ampliavam os horizontes de libertação dos homens, uma vez que o destronamento do olhar onisciente e totalizador da razão iluminista cedia lugar ao alargamento das experiências individuais, à explosão de vozes e de subjetividades, à mescla paródica de estilos, paradigmas e retóricas. O mundo da vida não podia mais ser enquadrado mecanicamente em categorias gerais ou sujeitos coletivos – a classe, o partido, a revolução. Os indivíduos estavam agora destituídos de significantes mais amplos e entregues à fragmentação e à dispersão.

Esse panorama intelectual foi percebido por muitos historiadores como uma séria crise que, em última instância, colocava em xeque os próprios fundamentos da produção do conhecimento histórico que pareciam solidamente definidos. A própria velocidade das informações e o rápido progresso tecnológico limitavam as formas tradicionais de apreensão do tempo, a busca de regularidades e de sistematizações estruturais da experiência dos homens a partir da organização de materiais quantitativos e anônimos, cujos critérios de verificação eram impessoais, objetivos e universais. A irredutibilidade de uma vida aos critérios de exposição serial reforçava a noção de que o retorno do indivíduo se tornava a própria condição de possibilidade de fazer história. A recolocação do problema do sujeito era, de certo modo, um truísmo, pois não poderia haver reflexão historiográfica e política sem sujeito.

O que significa, nessa nova configuração intelectual, que problema-

¹ ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2010, p. 17.

² Ver REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora da UFPR, 2010, p. 35.

³ Para Plutarco, a biografia tinha sua legitimidade assegurada pela possibilidade de fornecer exemplos gerais por trás da desordem dos destinos individuais. São suas palavras: “se nós não relatamos todos os fatos célebres, não indo a fundo, ou talvez abreviando a maior parte deles, que o leitor não nos faça um mau juízo. Pois, de um lado, não são histórias que nós escrevemos, mas vidas; de outro lado, não é de nenhum modo nas ações mais célebres que se mostra uma virtude ou um vício, pois frequentemente um fato diminuto, uma palavra, um gracejo manifestam mais o caráter do que combates mortíferos, grandes batalhas, ou cercos. Então, como os pintores apreendem as semelhanças a partir da fisionomia e das formas visíveis, pelas quais se deixa ver o caráter, do mesmo modo, deve nos ser permitido penetrar preferencialmente nos sinais da alma e, por ser seu intérprete, desenhar a vida de cada um”. *Apud REVEL, Jacques, op. cit.*, p. 238.

⁴ Ver, entre outros trabalhos, FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. São Paulo: Record, 1999.

⁵ Ver BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 183-191.

⁶ Ver AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, v. 24, 2010, p. 157-172.

⁷ GUIMARÃES, Manoel Salgado. Prefácio: a biografia como escrita da história. In: SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 21.

⁸ *Apud* LE GOFF, Jacques. A história nova. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A história nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 42.

tiza os grandes modelos globais que dominavam as ciências humanas, escrever uma biografia? Modelização da experiência para alcançar lições gerais, segundo a fórmula da história *magistra vitae*?³. Via de acesso para o entendimento das estruturas de uma determinada formação social?⁴. A possibilidade de análise de uma trajetória singular, não redutível, mecanicamente, a um quadro geral? Ou uma ilusão, que assegura uma falsa coerência da experiência individual?⁵. Num plano epistemológico mais geral, podemos considerar a biografia como uma modalidade de escrita da História?⁶

Essas questões, em verdade, nunca foram estranhas aos historiadores dedicados ao estudo do biográfico, e a fecundidade do debate contemporâneo reside nas renovadas problemáticas que se colocam para essas perguntas. O texto que se segue trabalhará, em breves apontamentos, com dois momentos de análise. Num primeiro, procurar-se-á delinear o quadro historiográfico que levou de volta a biografia ao centro das preocupações dos historiadores, sem ignorar o fato de que os relatos sobre indivíduos ilustres sempre despertaram o interesse de um público cativo. Nessa retomada, com variações, o indivíduo foi compreendido como um modo possível de acesso a realidades mais abrangentes, ou apresentado como ilustração e/ou estudo de caso de um quadro sócio-histórico já determinado. Num segundo momento, serão discutidas algumas das críticas levantadas contra a pretensão dos biógrafos de forjar um discurso que ofereça unidade e coerência a uma vida. Essas objeções lançaram luzes sobre os estudos biográficos, ressaltando sua necessária função narrativa, o uso da imaginação e a consideração da subjetividade do biógrafo. Elas favoreceram um deslocamento do olhar em direção às distintas possibilidades de reconstrução do eu. A fragmentação da escrita biográfica, longe de responder por um esgotamento do gênero, conferiu novos sentidos para discussões sempre significativas, como a relação entre normas e experiências, entre indivíduo e grupo ou entre determinismo e liberdade. A nossa análise deverá se ancorar em algumas reflexões sobre as propostas biográficas de autores como Roland Barthes, Michel Foucault e Arsenio Frugoni.

A recuperação da biografia histórica

Se já não é mais uma novidade o reconhecimento da biografia como gênero historiográfico, sua recuperação se deu após um longo período de ostracismo, no qual os estudos sobre trajetórias individuais permaneceram à sombra, em função da prevalência da “história das estruturas que passavam a explicar as ações humanas segundo determinações que escapavam a esses homens no mundo”.⁷ Apenas as dimensões estruturais de longa duração seriam capazes de recuperar os grandes movimentos das sociedades em suas regularidades e permanências, escapando à superficialidade dos fatos. Nessa perspectiva, o domínio econômico-social era o eixo de observação predileto dos historiadores, preocupados em desvendar o mundo histórico em sua processualidade. A história política, rica em acontecimentos e apresentada por meio de uma narrativa linear, estava condenada ao limbo historiográfico. Por seu turno, a biografia simbolizava um dos “ídolos” dos quais os historiadores do século XX deveriam se afastar definitivamente, o “ídolo individual”, ou segundo François Simiand, “o hábito inveterado de conceber a história como uma história dos indivíduos”.⁸

Nesse prisma sociológico, a consciência individual não passa de uma dependência do tipo coletivo. A sociedade atua como um sistema de forças sobre o indivíduo. Na sociologia durkheimiana, cujos princípios científicos e metodológicos causaram grande comoção entre os historiadores dos *Annales*, o social se organiza a partir de um certo número de leis intangíveis e de causalidades fortes. Conforme assinala François Dosse, “a partir destes princípios, a variedade humana, individual, deixa de ter pertinência e torna-se mesmo aquilo de que as ciências sociais devem se precaver”⁹.

A superficialidade da narrativa biográfica parecia, além disso, evidente. Entre o nascimento e a morte, os fatos apareciam como claros. Não era necessário imaginar uma intriga ou formular uma estrutura narrativa. Bastava saber escrever. Para Robert J. Knecht, essas limitadas exigências intelectuais explicavam, no caso francês, a grande proliferação de textos biográficos, escritos por tantos historiadores amadores.¹⁰

Essa historiografia, que se pretendia nova em relação à tradição do século XIX, assentava-se, portanto, no privilégio dos movimentos conjunturais e estruturais da sociedade em oposição aos destinos individuais, cujas singularidades eram incapazes de oferecer algo além de uma apreciação superficial da realidade histórica. A renovação advogada pela historiografia francesa dos *Annales* implicava na sujeição da biografia aos métodos e preocupações globais dos historiadores. Seria necessária uma reviravolta intelectual para que os estudos biográficos voltassem a preencher um lugar de destaque no mapa historiográfico ocidental.

A partir dos anos sessenta, as ambições totalizadoras dos principais paradigmas de explicação histórica passaram a ser questionadas em diversas frentes. À história quantitativa e serial objetava-se a pouca capacidade de abarcar fatores subjetivos e ações concretas do cotidiano dos homens no espaço e no tempo. As análises centradas na *longue durée* se mostravam pouco úteis para a compreensão das mudanças históricas mais rápidas. A história cultural balizada pela noção de *mentallités*, excessivamente presa nas continuidades e no que era comum aos agrupamentos sociais, deixava pouca margem para a diferença e a ruptura. Abria-se o caminho, segundo Roger Chartier, para uma virada epistemológica em direção ao indivíduo:

O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades: as parentelas, as famílias e os indivíduos.

*(...) o olhar se desviou das regras impostas para as suas aplicações inventivas, das condutas forçadas para as ações permitidas pelos recursos próprios de cada um: seu poder social, seu poder econômico, seu acesso à informação*¹¹.

Por outro lado, assistia-se ao esforço de enquadramento das biografias nos marcos estabelecidos da análise macro-social. Para uma parcela ainda expressiva dos *Annales*, as trajetórias individuais, se tinham sua legitimidade intelectual reconhecida, deveriam ser uma via de “acesso ao universal”, conforme já definira Dilthey no século XIX.¹² Essa modalidade de escrita biográfica, preocupada em conduzir o leitor aos movimentos mais profundos das sociedades, podia ser percebida nesta passagem de Georges Duby, um dos principais historiadores da terceira geração dos *Annales*, ele mesmo autor de importantes trabalhos biográficos.

⁹ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 198.

¹⁰ Cf. KNECHT, Robert. J. La biographie et l'historien. *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, n. 52, 2000, p. 172.

¹¹ CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 13, v. 7, 1994, p. 98

¹² *Apud* DOSSE, François, *op. cit.*, p. 11.

¹³ DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Editora da UFRJ, 1993, p. 137 e 138

¹⁴ LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie aujourd'hui. *Le Débat*, n. 54, mar/abr 1989, p. 49 e 50.

¹⁵ Cf. GÓMEZ-NAVARRO, José. Em torno a la biografía histórica. *Historia y política*, n. 13, 2005, p.18

¹⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 19.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. Prefácio à nova edição. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A história nova*, *op. cit.*, p. 8.

*eu podia ser acusado de trair o “espírito dos Annales”. Eu era, com efeito, o primeiro dentre os epígonos de Marc Bloch e Lucien Febvre a aceitar escrever a biografia de um “grande homem”. Mas na realidade não me desviava nem um milímetro do meu percurso. A única modificação – das mais importantes, reconheço – dizia respeito à forma. Eu estava voltando sem rodeios à narrativa. Contava uma história, seguindo o fio de um destino pessoal. Mas continuava atendo-me à história-problema, à história-questão. Minha pergunta continuava sendo a mesma: que é a sociedade feudal? (...) o particular (...) só me interessava quando me informava sobre o coletivo. O verdadeiro tema do livro não é Guilherme [Marechal], mas a cavalaria, seu ideal, os valores que ela afirma respeitar. E também um sistema político, o “feudalismo”, pois através desse caso concreto o funcionamento de suas engrenagens pode ser descoberto com muito maior clareza que nos tratados ou nas cartas.*¹³

Em uma perspectiva semelhante, Jacques Le Goff procurava delimitar o lugar do seu personagem, São Luís, dentro da sociedade do medievo europeu, sem abandonar as matrizes dos *Annales*.

*Rei e santo, São Luís entra em uma categoria da Idade Média, aquela dos santos reais. Ele se conformou ao modelo desta categoria ou manifestou diferenças devidas à época ou ao que se pode reconhecer como sua individualidade? A biografia parte assim, na tradição do espírito dos Annales, de uma questão, formula-se como um caso de história-problema.*¹⁴

Essas passagens, de dois dos mais expressivos nomes da historiografia francesa da segunda metade do século XX, apontam para uma das formas mais recorrentes, entre os trabalhos renovadores da biografia, dos usos de trajetórias individuais. Aqui, o indivíduo é a porta de entrada para o estabelecimento de questões mais amplas. Uma boa biografia deve ser capaz de passar do particular ao geral, do específico ao problema global, pois o que se pretende é privilegiar o enfoque social e integrador. Para José Luis Gómez-Navarro, a biografia pode ser utilizada como um recurso teórico-metodológico para o enfrentamento de qualquer problema histórico¹⁵. Uma das estratégias de uso da biografia é a chamada biografia modal, que toma como pressuposto a possibilidade de estudo de um personagem tendo como base o modelo de uma determinada categoria ou grupo social. O interesse pelo indivíduo se justifica não por sua personalidade ou vida, mas pelo que ele concentra de características coletivamente partilhadas. A partir dele, se chega ao conhecimento da realidade social, intelectual, econômica ou política de uma época, de um país ou de um grupo¹⁶. Se essa forma de abordagem biográfica é importante para o estudo de coletivos significativos e para a investigação da evolução de grupos em recortes temporais prolongados, por outro lado produz a idéia de que os comportamentos e vontades de um conjunto são a soma dos comportamentos e vontades de cada um dos seus componentes¹⁷.

Nessa retomada da biografia histórica, é legítima a interrogação sobre as efetivas contribuições teóricas, temáticas e metodológicas produzidas diante do crescente volume de publicações do gênero. De acordo com Jacques Le Goff, “o mercado do livro histórico está inundado de biografias, muitas das quais permanecem superficiais, anedóticas, por vezes anacrônicas”¹⁸. Na mesma direção, afirmava em outra ocasião: “o que me desola na atual proliferação das biografias é que muitas são um puro e simples

retorno à biografia tradicional, superficial, anedótica, meramente cronológica, que se sacrifica a uma psicologia desatualizada, incapaz de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual”¹⁹. Entretanto, seria um erro considerar que as produções mais recentes apenas reproduzem os antigos pressupostos das velhas biografias. Há, de fato, nessa retomada, inovações significativas e que merecem ser tomadas em conta, ainda que sob a forma de comentários breves.

As narrativas em torno do destino de um indivíduo não se apresentam mais distantes das preocupações em elucidar problemas mais gerais de pesquisa, como já apontado. A renovação do gênero biográfico tem ocorrido considerando o apelo dos *Annales* de se evitar relatos essencialmente personalistas, incapazes de se erguerem a um conhecimento mais amplo da vida social. Um significativo debate se abre a partir de então, delimitando um leque mais diversificado de questões acerca das relações entre indivíduo e estrutura²⁰. É nele em que se insere, por exemplo, a aposta biográfica da micro-história e sua valorização do microcosmo, das experiências-limite, da singularidade. Para Dosse, “a micro-história se esforça por conciliar uma técnica específica, a escolha de uma localização precisa, com a vocação para elucidar questões mais gerais”²¹. Continua interessando a compreensão de séries de atitudes mais largamente difundidas no tecido social, mas a aproximação se efetiva agora pela via do indivíduo não representativo, da excepcionalidade, do que não se conforma às regras.

O clássico estudo de Carlo Ginzburg sobre o moleiro Menocchio demarca algumas posições compartilhadas pelos historiadores da micro-história acerca do estatuto teórico do gênero biográfico. Menocchio não é um indivíduo representativo da comunidade em que vive. Sua complexa cosmogonia pessoal – e que o leva à Inquisição – é fruto de um conjunto de leituras tornado possível pela circulação cultural entre as classes sociais. Ginzburg não concebe o seu personagem como isolado do todo social. Ele se encontra num jogo complexo de interações múltiplas, que passa a ser o núcleo da pesquisa biográfica. A aldeia em que vive Menocchio é ainda marcada pela servidão, que ali sobreviveu até o século XV, e por um Parlamento com poderes medievais, além das configurações sociais da modernidade nascente. Suas leituras dos textos religiosos se forjam em meio a essa paisagem social, na qual ainda se inserem acontecimentos de peso, como, por exemplo, a Reforma. Há, ainda, um estrato de tradições e mitos transmitidos oralmente através de sucessivas gerações. Todo esse conjunto de elementos diversificados se manifesta num mesmo indivíduo e sua cosmogonia – em que impera a idéia de caos – não se reduz a esquemas dualistas como moderno/tradicional, “porquanto é a expressão de uma bricolagem absolutamente singular”²².

A biografia reivindicada pelos micro-historiadores resgata a singularidade, na teia construtiva de uma nova história social, após um longo predomínio dos recursos estatísticos e das permanências e continuidades da história quantitativa e serial. É distinta das abordagens dos grandes personagens e recusa sua forma tradicional e linear. Conserva, contudo, em comunhão com a perspectiva dos *Annales*, a pretensão de desvendar os esquemas de organização social, suas hierarquias, práticas e valores, sem descuidar da porção de liberdade que os sujeitos possuem para agir dentro dos sistemas normativos. A partir de personagens comuns e de homens pouco conhecidos, essa biografia interroga a racionalidade dos atores, as

¹⁹ LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie aujourd’hui, *op. cit.*, p. 49 e 50.

²⁰ Em um outro texto, procurei apresentar esse debate, apontando, em forma de balanço historiográfico, as questões mais prementes e que mobilizavam mais intensamente os historiadores-biógrafos. Ver AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica. *Oralidades*, n. 2, jul-dez. 2003, p. 45-60

²¹ DOSSE, François, *op. cit.*, p. 257

²² *Idem*.

²³ *Idem, ibidem*, p. 49.

²⁴ Ver, entre outros trabalhos, DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras; FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. 8. ed. São Paulo: Graal, 2003. Entre os trabalhos produzidos no Brasil, ver, entre outros, BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Campinas: Unicamp/CMU, 2007; BORGES, Vavy Pacheco. *Em busca de Gabrielle (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Alameda, 2009; WADI, Yonissa Marmitt. *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*. Uberlândia: Edufu, 2009.

²⁵ GINZBURG, Carlo, *op. cit.*, p. 27

²⁶ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 249

²⁷ Ver SCHMIDT, Benito. Biografias históricas: o que há de novo? In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti et al. *Leituras do passado*. Campinas: Pontes, 2009, p. 80.

relações entre grupo e indivíduo, lançando luzes sobre os vínculos entre experiência comum e autonomia individual.

É também significativa a inversão das características dos personagens estudados a partir das críticas às biografias tradicionais. Le Goff assinala que a escassez documental legitima, em alguma medida, a opção por indivíduos ilustres, pois a “biografia deve ser consagrada a um personagem sobre o qual se possui o suficiente de informações”²³. A incorporação de novos aportes teóricos e metodológicos tem tornado possíveis as análises de trajetórias de homens e mulheres comuns em obras de reconhecida importância historiográfica²⁴. A uma concepção, certamente um tanto genérica, de “história vista de baixo”, soma-se o alargamento da noção de representatividade para grupos subalternos, pois “alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico”²⁵. Todos os indivíduos, em maior ou menor grau, partilham de elementos comuns da vida cultural e intercambiam experiências e projetos. A aposta biográfica deposita na singularidade as expectativas de rompimento com o excesso de coerência do discurso histórico, recuperando as incertezas do passado e as possibilidades perdidas, pois

*por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, ‘façam’ eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder*²⁶.

A produção biográfica tem se mostrado, portanto, mais receptiva aos personagens comuns, com consideráveis ganhos em torno do conhecimento de trajetórias pouco visíveis ou mesmo desafiadoras das normas vigentes. A inclusão de indivíduos aparentemente destituídos de interesse no rol dos homens e mulheres dignos de terem suas biografias escritas suscita esperanças e anseios emancipatórios numa época em que as energias transformadoras parecem ter se esgotado com a falência dos grandes projetos de mudança social. Os historiadores-biógrafos, homens do seu tempo, colocam-se a tarefa política e epistemológica de buscar no passado as margens de liberdade individual que parecem, atualmente, cada vez mais esparsas. Remontam processos de individuação, de intervenção e de criação em espaços e temporalidades distintas, tentando perscrutar os dilemas e contradições que envolveram as ações individuais e que podem tanto oferecer belos exemplos de resistência à opressão quanto, no limite, deploráveis atos de violência e repressão²⁷. Talvez esses historiadores estejam buscando certezas para enfrentar um mundo em constante mutação.

Uma escritura incerta: morte da biografia ou suas múltiplas reconfigurações?

Se, por um lado, a biografia se beneficiou das críticas aos postulados dominantes da historiografia do século XX, por outro, ela conheceu novas dúvidas e incertezas. As inquietações não cessaram com os trabalhos que

procuraram sinalizar os espaços de liberdade individual em meio aos contextos narrativos ou com os estudos que trouxeram à tona personagens que certamente não figurariam num relato biográfico tradicional. Não deixamos de desconfiar. Com a crise do sujeito racional produtor de conhecimento histórico, seria possível apreender com objetividade uma vida? Em nossa época, na qual se não se credita nenhum suporte objetivo, nenhuma garantia tangível ao agir subjetivo, a escrita biográfica ainda poderia conservar a ambição de dar sentido a uma existência individual, dotá-la de unicidade e coerência?²⁸ Uma parte dessa resposta talvez se encontre no próprio hibridismo do gênero biográfico, espremido entre seu aspecto ficcional e a ambição de dizer a verdade, situação muito bem sintetizada por François Dosse.

*O domínio da escrita biográfica tornou-se hoje um terreno propício à experimentação para o historiador apto a avaliar o caráter ambivalente da epistemologia de sua disciplina, a história, inevitavelmente apanhada na tensão entre seu polo científico e seu polo ficcional. O gênero biográfico encerra o interesse fundamental de promover a absolutização da diferença entre um gênero propriamente literário e uma dimensão puramente científica – pois, como nenhuma outra forma de expressão, suscita a mescla, o caráter híbrido, e manifesta assim as tensões e as convivências existentes entre a literatura e as ciências humanas.*²⁹

A crise dos grandes projetos coletivos de transformação social, a descrença cada vez maior nos modelos clássicos de representação política e o recuo dos valores do estado de bem-estar social abriram caminho para uma expansão sem limites das vozes subjetivas, das identidades fragmentadas e precárias, da personalização da política. Portanto, em nosso atual regime de historicidade, denominado de “presentista” por François Hartog, não parece haver dúvida da pertinência dos pequenos relatos, das experiências cotidianas e da redução da nossa escala de análise em direção ao microscópico e ao vulgar³⁰. Admite-se, com menos conflitos e armas em punho, que o caráter da narrativa histórica está imersa em tropos literários que não podem ser negligenciados pelo historiador.

As aproximações entre texto historiográfico e literário são bem conhecidas. Elas guardam relação direta com o “giro lingüístico” que, apesar da grande variedade de autores e correntes, enfatiza a idéia da inexistência de uma realidade extralingüística independente das representações textuais e discursivas. O real, nessa ótica, só pode nos chegar através de um texto cujos sentidos e significados não apontam diretamente para o mundo exterior, mas para outros textos e signos. É para esse sentido que Frank Ankersmit aponta quando afirma que “estamos familiarizados com a idéia de que, em qualquer área da historiografia que possamos imaginar, em qualquer especialização, uma quantidade superabundante de artigos e livros é produzida anualmente, tornando conhecê-los todos tarefa impossível”³¹. O campo do conhecimento histórico é composto por discursos litigiosos, por obras que apenas remetem a outros trabalhos historiográficos. Não há uma base de sustentação que possa assegurar a correspondência entre os conteúdos narrativos e o acontecido. Isso significa conceber a linguagem tanto como representação do passado como quanto instituidora da realidade e admitir que nosso conhecimento é social e estruturado a partir de determinadas práticas de poder culturalmente determinadas³².

²⁸ Ver PALTÍ, Elias José. É possível escrever a história numa era pós-subjetiva? *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, jan-jun. 2010, p. 10

²⁹ DOSSE, François, *op. cit.*, p. 18.

³⁰ Ver HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. Como escrever a história da França. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 7, jul/1997.

³¹ ANKERSMIT, Frank R. *Historiografia e pós-modernismo. Topoi*, Rio de Janeiro, mar.2001, p. 113.

³² Ver MUNSLOW, Alan. *Desconstruindo a história*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 41.

³³ BOURDIEU, Pierre, *op. cit.*, p. 184

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 185.

³⁵ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História*. Bauru: Edusc, 2007, p. 248

³⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002, p. 13.

³⁷ MARKENDORF, Marcio. A decadência da ilusão ou a morte da biografia. *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim/MS, v. 1, n. 1, jan/jun.2010, p. 20.

³⁸ BAUDRILLARD, Jean. *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p. 24

A crença na unidade da escrita biográfica, capaz de apresentar a vida do personagem como um conjunto coerente de ações e sentimentos, foi entendida por Pierre Bourdieu como uma “ilusão”, que “transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeiro, até seu término, que também é um objetivo”³³. A coerência que o biógrafo imagina inscrever no seu trabalho não encontra correspondência no real, pois este “é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos, porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório”³⁴. Se a realidade não possui qualquer significação unificadora, as narrativas de vida, organizadas em função de uma explicação final para a trajetória individual, são simples artifícios contra a falta de sentido do mundo. Estaria nessa construção fictícia o grande equívoco do biógrafo. Ele imagina poder dotar de sentido uma existência que é sempre fraturada, atravessada por tensões e conflitos, disposta em fragmentos. Durval Muniz remete essa configuração despedaçada da individualidade à figura do migrante, pois

*este sujeito que parte é um sujeito partido, fragmentado, não é uma unidade, uma totalidade. Assim como a sua vida é errante e aberta, ele, enquanto sujeito, é também um sujeito aberto, atravessado por diferentes fluxos sociais. Ele não consegue totalizar as experiências que passam por ele mesmo, que o atravessam. Ele é um entroncamento em que diferentes estradas, diferentes séries históricas vêm encontrar-se e, ao mesmo tempo, vêm separar-se. (...) Este sujeito segmentado e nômade é, dificilmente, aprisionado por grades conceituais com perspectivas totalizadoras.*³⁵

A chamada pós-modernidade descentralizou o sujeito, evidenciou o seu caráter fractal e multiplicou suas identidades. Estas nos empurram, agora, em diferentes direções, “de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”³⁶. Rompeu-se, dessa forma, com a premissa de uma identidade unitária e fixa, coerente com um relato capaz de captar seus fatos e eventos dentro de uma lógica encadeada de forma linear e progressiva, ou seja, de extrair um sentido, ao mesmo tempo retrospectivo e introspectivo daquilo que foi a vida de um indivíduo. Mas apenas ao preço de uma narrativa fictícia é que essas diversas modalidades de ser e sentir podem ser contempladas num texto.

*As narrativas do eu são construções que dizem quem são os indivíduos, seus papéis sociais. No entanto, não sendo possível reproduzir a vida através de um relato, o gênero biográfico, ao selecionar e recortar acontecimentos significativos, editando-os em uma trama de conexões coerentes e causais, confere a uma série de categorias desordenadas a aparência de reprodução possível. (...) a ordenação discursiva da vida segundo uma origem e um fim.*³⁷

Desfeita a possibilidade de apreender o sujeito por meio de uma narrativa ordenadora de eventos e causas, restaria aos homens enfrentar novamente o caos e a indeterminação que acreditavam ter conseguido domar, “a análise indeterminista de uma sociedade indeterminista – de uma sociedade fractal, aleatória, exponencial”³⁸. A vida só se aproximaria do texto narrativo por meio de uma correspondência simbólica, pois a

linguagem não poderia operar com o espelhamento da realidade, mas apenas construir representações. Para Baudrillard, um dos mais proeminentes teóricos da pós-modernidade, essa limitação da linguagem deriva da impossibilidade de qualquer coisa possuir um equivalente real, pois “a incerteza do pensamento é que ele não se troca nem com a verdade nem com a realidade”³⁹. Por conseguinte, qualquer tentativa de verificação dessa troca é falaciosa e, desse modo, “o mundo é uma ilusão fundamental”⁴⁰.

Os sistemas de pensamento articulados em conceitos, valores e postulados constituem a forma pela qual os homens buscam escapar da desordem especulativa do mundo. Essa estabilidade só é alcançada de modo artificial, através do esquecimento da situação de deriva e do esforço constante de dar sentido ao descontínuo e ao caótico. Ao final, ela pouco se diferencia de uma impostura. Se a existência fosse sentida apenas em sua dimensão caótica e instável, a dor que nos causaria seria sacrificante. Diante disso, “a ordenação discursiva da vida segundo uma origem e um fim garante uma proteção mínima contra uma descontinuidade insuportável”⁴¹. A escrita biográfica consola e nos inflige uma certeza fictícia: a de que nossas experiências e práticas podem ser traduzidas, em sua essência, em uma obra.

A noção de uma narrativa biográfica capaz de construir sentidos fixos, homogêneos e permanentes para uma trajetória singular só era possível num regime de historicidade que admitisse a existência de uma contigüidade temporal entre o presente e o passado. A biografia, nessa configuração intelectual cientificista, cumpria funções distintas, ora servindo como repositório de exemplos, ora como acesso às grandes tendências coletivas. Em ambos os casos, acreditava-se na possibilidade de restituição de uma identidade fugidia por intermédio da articulação narrativa, que, em última instância, se alinhava a uma concepção de continuidade entre sujeito e história. O efeito discursivo daí resultante era o de uma história coerente e totalizante, ainda que sob o preço de uma atividade ficcional ou de “uma criação artificial de sentido”⁴².

A configuração epistêmica da contemporaneidade, nesta chave de leitura, aponta para a morte do relato biográfico tradicional, compreendido como a formalização discursiva dos caminhos e descaminhos de uma existência. Obviamente, as biografias continuam e continuarão a ser escritas. Mas elas não podem mais aspirar ao desejo de oferecer coerência e estabilidade ao que é descontínuo e indeterminado. O indivíduo-personagem do discurso só pode ser enquadrado em um conjunto de representações que delimitam sua complexidade a certas fórmulas textuais e de tropos literários. Fora desse campo narrativo, as existências singulares não comportam qualquer sentido objetivo de explicação.

Mas estaria efetivamente decretada a inutilidade do relato biográfico em meio à explosão de identidades e de discursos do “eu”? Perceber a fragilidade de um relato linear, calcado numa noção homogênea de trajetória, levaria o historiador a rejeitar qualquer possibilidade de se contar uma vida ou, através dela, de deslindar as relações sociais ou político-culturais? A pulverização das facetas dos personagens desembocaria, de forma incontornável, na total desconstrução do sujeito? Poder-se-ia admitir que a proliferação de biografias dos mesmos personagens denotaria a impossibilidade de tratar da vida de alguém com uma razoável dose de certeza científica e racionalidade empírica?

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 09.

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ MARKENDORF, Márcio, *op. cit.*, p. 20.

⁴² BOURDIEU, Pierre, *op. cit.*, p. 184 e 185.

⁴³ Apud SCHMIDT, Benito Bisso. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica. *Métis: história e cultura*, Caxias do Sul: UCS, v. 2, n. 3, jan/jun 2003, p. 19.

⁴⁴ REVEL, Jacques, *op. cit.*, p. 242.

⁴⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteiras entre a história e a literatura. In: RAGO, Margareth e GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Unicamp, 2000, p. 199.

⁴⁶ DOSSE, François, *op. cit.*, p. 55

⁴⁷ Apud DOSSE, François, *op. cit.*, p. 56 e 60. Para uma análise de outros autores contemporâneos à Maurois que produziram importantes reflexões sobre o gênero biográfico, ver o artigo de Márcia Gonçalves que compõe este mini-dossiê.

A resposta para a última pergunta talvez abra caminho para uma reflexão sobre as demais e, ainda, para o encaminhamento das discussões que se seguem. É também possível admitir que o fato de os biógrafos não se cansarem de escrever sobre os mesmos personagens seja indício da vitalidade do gênero, sempre estimulado pelo avanço da pesquisa documental – com a descoberta de novas fontes –, e pelo surgimento de novas questões e de novos paradigmas interpretativos. A narrativa tradicional não está inscrita automaticamente na reflexão biográfica. A ausência de problematização nos relatos biográficos mais comuns não deve ser um indício da impossibilidade de narrar uma experiência individual, pois “(...) nós podemos e devemos pensar também em outras formas de narrativa”⁴³.

As reflexões teóricas pós-estruturalistas produziram incontáveis ganhos ao historiador. Fizeram com que ele percebesse a natureza profundamente histórica e condicionada do seu relato, as dimensões ficcionais contidas em sua narrativa e as incertezas e incoerências da noção moderna de sujeito. No caso da biografia, em específico, alertaram para os perigos e riscos de pensar uma vida como uma unidade estável. O enfrentamento dos desafios contemporâneos da escrita biográfica deverá considerar sua indistinção epistemológica, o seu pêndulo oscilante entre *mimesis* e vidas imaginárias. Os historiadores devem, portanto, escrever suas biografias dentro de um novo quadro de referências ante o declínio dos grandes paradigmas explicativos que sustentaram a pesquisa histórica ao longo de boa parte do século XX. O que está em jogo agora “é a importância de uma experiência singular mais que a de uma exemplaridade destinada a encarnar uma verdade ou um valor geral, ou ainda a convergir com um destino comum”⁴⁴. As trajetórias singulares devem demonstrar o que não volta ao quadro geral, hesitações, incoerências, incertezas, transformações. Para tanto, o biógrafo transita por distintas temporalidades, o que implica o abandono da linearidade cronológica. Assim, ganham forma o tempo “contextual” (o cenário político, econômico, cultural), o tempo familiar, o tempo interior, o tempo da memória⁴⁵.

Mesmo antes da virada lingüística e da guinada subjetiva nos estudos historiográficos, alguns autores já chamavam a atenção para a “tensão entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o pólo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador”⁴⁶. Numa conferência, em 1928, André Maurois situava o gênero biográfico a meio caminho do procedimento científico e da dimensão estética. Ainda que defendesse um enfoque cronológico, aproximava a biografia do romance, na medida em que a intriga criava no leitor a expectativa do futuro, do desfecho. Como na literatura, o apreciador de biografias era impulsionado a acompanhar os medos, os sofrimentos e as incertezas do personagem. A escolha dos materiais a serem usados pelo biógrafo era outro procedimento assemelhado aos praticados pelo artista: aqui a comparação era com o retratista, que realizava suas escolhas sem descuidar do que era essencial para a tela.

Ao mesmo tempo, os cuidados do cientista não poderiam abandonar o biógrafo, pois este manteria com o seu leitor um pacto de verdade e a biografia deveria sempre oferecer aspectos verídicos. Trata-se de um gênero difícil, pois, para Maurois, “exigimos dela (da biografia) os escrúpulos da ciência e os encantos da arte, a verdade sensível do romance as mentiras eruditas da história”⁴⁷. Quase oitenta anos depois, em 2003, encontramos

uma passagem bastante similar em Alain Gerber, autor de uma biografia sobre Chet Baker:

A única resposta é a prática cotidiana, ou quase, daquilo que seria, nem tanto uma biografia 'romanceada' (como por algum tempo pensei), mas antes uma biografia romanesca, ou seja, culpada em relação às suas fontes de uma desenvoltura que constituiu não apenas sua liberdade, mas também sua razão de ser – de certa maneira, seu ideal. Minha tarefa mais penosa, a que menos me convinha, terá sido curvar-me à lei da preguiça, cultivar a boa vida, a inexatidão, o abuso da linguagem, o travestimento, a sublimação, a mentira, a transposição onírica desbragada, a escolha da visão contra a observação dos fatos e, por fim, a atitude inculta. Munido dessa presunção, sem a qual nada seria possível (quer dizer, tolerável em sã consciência), tentei descobrir uma certa verdade para além do real. Em suma, quis proclamar o falso para exprimir, apesar de tudo, um verdadeiro que permanece, e sem dúvida deve permanecer, inexprimível. Infelizmente não sou poeta, mas apelei para a poética, ou pelo menos espero ter apelado.⁴⁸

Os “biografemas” de Roland Barthes tensionam a função narrativa do discurso biográfico, entrecruzando as dimensões do científico e do ficcional. A ordem cronológica é eliminada e o espaço de realização do vivido passa a ser ocupado pela linguagem⁴⁹. A existência não é aqui postulada em suas grandes linhas explicativas ou em seus acontecimentos mais significativos, mas como representação e ficção. A vida não é um destino unívoco, mas uma mistura fragmentada que só poderá ser recuperada por uma escritura lançada na dimensão afetiva e romanesca, e que só será fiel ao sujeito disperso e despedaçado se for deslizante, atenta ao detalhe distanciador e revelador de uma singularidade. Barthes não hesita em inscrever seus biografemas no desejo do que possa ser sua autobiografia: “Se eu fosse escritor e estivesse morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amistoso e desvolto, a alguns detalhes, a alguns gostos, a algumas inflexões, ou seja, a ‘biografemas’, cuja distinção e mobilidade pudessem viajar sem destino”⁵⁰.

A aposta biográfica de Barthes inscreve-se numa narrativa poética, que rejeita a elaboração de subjetividades coerentes, inserindo o sujeito no campo do imaginário afetivo. Trata-se da possibilidade de aportar no discurso o que é caótico, residual e o que é sentido por “lembranças ou impressões situadas entre o insignificante e o significativo”⁵¹. A saída barthesiana não escapa ao ficcional e, certamente, pode ser objeto de reservas dos críticos da ilusão biográfica. Por outro lado, seu grande mérito consiste em subverter a lógica de causa e efeito que parece envolver todo relato biográfico ao postular a experiência individual como texto romançado – ele próprio dissera que “a biografia é um romance que não ousa dizer o nome”⁵² –, em que a vida ressoa nas entrelinhas, nos interstícios do discurso. Em Barthes, os lugares-comuns da biografia aparecem para ser subvertidos. Assim, por exemplo, em seu relato autobiográfico, a infância não assume nenhum sentido enunciador do futuro; ela é apenas um estado fragmentário de um não escritor e suas reminiscências não podem conduzir a relações de causalidade que encerrem o eu numa história linear e coerente. Barthes quer, desde o início, escapar de uma imagem fixa de si mesmo. A biografia é, no sentido barthesiano, uma “porcaria [e] isso se dá precisamente porque consagra o reino do mau, do imaginário, aquele

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 79.

⁴⁹ Ver BARTHES, Roland. *Sade, Fourier e Loiola*. Lisboa: Edições 70, 1982.

⁵⁰ *Apud* DOSSE, François, *op. cit.*, p. 306.

⁵¹ MARKENDORF, Márcio, *op. cit.*, p. 26.

⁵² *Apud* DOSSE, François, *op. cit.*, p. 307.

⁵³ GAILLARD, Françoise. Roland Barthes: le biographique sans la biographie. *Apud* DOSSE, François. *op. cit.*, p. 308.

⁵⁴ Ver DOSSE, François, *op. cit.*, p. 265.

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, v. 3, p. 499.

que encerra o sujeito em imagens, aquele que ao trabalhar a imago esquece que o eu está em perpétua dilação, em constante invenção”⁵³.

Autor pouco lembrado no que se refere aos estudos sobre biografia, Michel Foucault coordenou, em 1978, uma coleção provocativamente chamada de “Vidas paralelas”, quando apresentou o caso da hermafrodita Herculine Barbin, que se suicidou em 1868, por asfixia. Um pouco antes, em 1973, tornou conhecido o espantoso crime do parricida Pierre Rivière, assassino confesso da mãe, da irmã e do irmão. Os dois indivíduos foram mostrados por vias pouco convencionais: aquelas dos discursos médico e legalista e também dos próprios relatos autobiográficos escritos por ambos. Essas memórias foram transcritas em estado bruto, sem maiores comentários de Foucault. O procedimento biográfico do filósofo francês consistiu em confrontar essas modalidades de escrita de si com os discursos e postulados normativos das instâncias de poder que se propuseram a esclarecê-las: a justiça e a medicina⁵⁴. Na apresentação de “Vidas paralelas”, Foucault justificou, desta forma, suas intenções:

Os antigos gostavam de colocar em paralelo as vidas dos homens ilustres; escutava-se falar através dos séculos dessas figuras exemplares.

*As paralelas, bem sei, são feitas para se reunirem no infinito. Imaginemos outras que, indefinidamente, divergem. Sem ponto de encontro, nem lugar para as recolher. Frequentemente, elas não tiveram outro eco senão o de sua condenação. Seria necessário apanhá-las na força do movimento que as separa; seria necessário redescobrir o rastro instantâneo e fulgurante que elas deixaram quando se precipitaram para uma obscuridade onde ‘isso já não conta’ e onde todo o ‘renome’ é perdido. Seria como o inverso de Plutarco: vidas a tal ponto paralelas que já ninguém as pode reunir.*⁵⁵

Se, em Plutarco, as vidas dignas de serem resgatadas devem oferecer exemplos para a posteridade, em Foucault o interesse se desloca para as existências afastadas da glória, da exemplaridade, do reconhecimento perpétuo. As vidas que pretende investigar não podem se reunir em nenhum ponto; o paralelismo aqui é pensado como a radicalização dessas trajetórias singulares. Suas falas e atos são negados e destituídos de valor. São vidas esquecidas, não memoradas, precipitadas para a obscuridade, desfiguradas em arquivos esquecidos e, não raro, enquadradas em discursos extemporâneos, produzidos por outros, desfocados. No caso específico de Pierre Rivière, o discurso jurídico e médico que o enquadrava dentro de duas cadeias normativas: o Rivière criminoso sem qualquer desvio psíquico e o Rivière alienado mental desde a infância. Diante dessas perspectivas opostas, o relato do próprio criminoso é interpretado binariamente. De acordo com os médicos, ele revela um problema mental já antigo; para os magistrados, o texto prova a plena responsabilidade do réu, capaz, afinal, de traçar sua auto-análise. Estamos diante de uma instigante, e ainda pouco explorada, via de estudo biográfico, como aponta o próprio Foucault.

Seria necessário estudar como a prática da biografia se difundiu a partir da constatação do indivíduo delinqüente nos mecanismos punitivos; biografia ou autobiografia de prisioneiros em Appert; estabelecimento de dossiês biográficos sobre o modelo psiquiátrico; utilização da biografia na defesa dos acusados. Sobre este último ponto poderíamos comparar as grandes memórias justificativas do fim do século XVIII para os três homens condenados à roda, ou para Jeanne Salmon – e as defesas criminais

da época de Luis Filipe. Chaix d'Est-Ange defendia La Roncière: "Se muito tempo antes do crime, muito tempo antes da acusação, podeis escutar a vida do acusado, penetrar em seu coração, sondar seu âmago mais escondido, pôr a descoberto todos os seus pensamentos, sua alma inteira(...)". (*Discours et Plaidoyers*, vol. III, p.166).⁵⁶

O "rastro instantâneo e fulgurante" é a prova, entretanto, de que essas trajetórias não se silenciam por completo e, em meio ao cruzamento, choque e anulação entre discursos, leis, enunciados científicos, proposições morais, técnicas de si, há a tomada da palavra pelo indivíduo infame. Os relatos autobiográficos de Rivière e Barbin mesclam-se à teia discursiva mais ampla, compondo mais um acontecimento histórico que, longe de enunciar uma verdade sobre seus autores, produz mais um sentido para essas trajetórias. A escrita não aparece como propriedade e expressão derivadas de um autor exterior a ela. Ela não é a verdade de uma vida, mas um momento dela. O indivíduo constitui-se historicamente nessa escrita, revelando experiências e práticas que são abertas, múltiplas e que podem ser inscritas em outros tantos enunciados narrativos.

A dispersão de discursos que envolvem a construção da subjetividade de Rivière e de Barbin aponta para a dessacralização, realizada por Foucault, da noção de sujeito, tomado aqui como um entrecruzamento de falas – incluída a do próprio indivíduo – e não como uma unidade previamente dada. O sujeito é construído culturalmente por intermédio de operações específicas e complexas. O filósofo francês rejeita uma universalidade, uma autonomia plena de consciência e uma liberdade de ação abstrata tal como se postula em diversos discursos biográficos, pois "nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles"⁵⁷. Não há, portanto, "uma identidade esquecida, sempre pronta a renascer, mas um sistema complexo de elementos múltiplos, distintos, que nenhum poder de síntese domina"⁵⁸. Os textos autobiográficos são lidos por Foucault dentro da sua análise arqueológica, descrevendo o nível das práticas discursivas e dos saberes em que se encontram engajados, que definem uma perspectiva legítima para o agente do conhecimento e que fixam normas para sua elaboração. Estas, "em sua heterogeneidade, não formam nem uma obra, nem um texto, mas uma luta singular, um confronto, uma relação de poder, uma batalha de discursos e através de discursos"⁵⁹. Em suma: esses discursos estão imersos em um sistema de regras que definem exclusões e opções, regras que não são formuladas pelos seus participantes e que não são transparentes em suas consciências.

A crítica foucaultiana à noção de autor é acompanhada de perto pela desconfiança em relação à biografia como forma fixa de representação do indivíduo. O discurso biográfico visa a reduzir uma vida a alguns traços, marcas, ignorando o quanto a existência ultrapassa largamente qualquer escrita. O esforço em escrever biografias faz parte de um processo de construção, no mundo ocidental, da noção de indivíduo, cuja trajetória exprime uma singularidade que pode ser apreendida racionalmente pelos instrumentos de pesquisa e análise que a racionalização científica vai forjando. Indivíduo, autor, identidade são categorias do pensamento que visam a produzir uma normalização do corpo e sua inscrição numa dada forma de elaboração lingüística. Tudo isso não significa, para Foucault, a total rejeição da biografia, mas o entendimento de que sua escritura "é uma

⁵⁶ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento das prisões*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 272 (nota 67)

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 27

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 34.

⁵⁹ FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão, op. cit.*, p. 12.

⁶⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Os “maus costumes” de Foucault. In: *História*, *op. cit.*, p. 117.

⁶¹ FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 235.

⁶² Cf. DOSSE, François, *op. cit.*, p. 259

⁶³ FRUGONI, Arsenio. *Arnaud de Brescia dans le sources du XII siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 1993, p. XV.

⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. XIX-XX.

escavação ao infinito, em que jamais se chegará a uma imagem definitiva do biografado. Será sempre possível, como o discurso médico e o discurso jurídico fizeram com Rivière, esculpir novas figuras do sujeito e lhe atribuir o mesmo nome”⁶⁰.

Portanto, Foucault está muito distante do procedimento biográfico tradicional, entendido por ele como uma modalidade de normalização da existência. Barbin e Rivière não são apanhados na totalidade das suas trajetórias. Eles são configurações históricas formadas pelo cruzamento, choque, articulação ou anulação entre discursos, instituições, postulados científicos, práticas e técnicas de si. Narrar uma vida só pode ter algum sentido se forem abandonadas as noções de sujeito e autor, tais como eram pensadas em nossa tradição cultural. As interações entre indivíduos e grupos produzem distintos modos de sentir, pensar e experimentar o mundo, abrindo o caminho para múltiplas narrativas do eu. O discurso biográfico normatizador da vida “categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele”⁶¹. Produz, dessa forma, mais um elo da cadeia de discursos que buscam disciplinar os corpos e atribuir-lhes sentidos extemporâneos.

A biografia de Arnaud de Brescia, religioso e reformador medieval, escrita por Arsenio Frugoni, e publicada originalmente em 1954, é vista como uma precursora das questões colocadas ao gênero biográfico pelos debates que se seguiram à crise dos modelos globalizantes em história e pelas problemáticas suscitadas pelas preocupações com a narrativa histórica. Dosse, por exemplo, identifica nesse trabalho uma antecipação do tratamento à biografia que seria dado pela micro-história italiana⁶². Os dez capítulos da obra revelam dez imagens diferenciadas do personagem. Frugoni não se preocupa, em nenhum momento, com a apresentação de uma síntese totalizadora de Arnaud, capaz de revelar sua verdadeira personalidade, essência ou identidade. A narrativa não postula hierarquizações e qualquer sentido definitivo. Na edição francesa do livro, Alain Boureau afirma que “Frugoni (...) toma partido do fragmento, da descontinuidade do real; um fato repetido por diversas fontes não possui forçosamente maior realidade do que um detalhe pouco visível oferecido por uma única fonte”⁶³.

Sem se preocupar em preencher as lacunas documentais, Frugoni confronta as versões como representativas de pontos de vista parciais. Não se percebe no seu trabalho qualquer intento de revelar a verdade primária do personagem, mas o de abrir caminho para a compreensão verossímil através da dança das interpretações. As dez versões são reproduzidas e apresentadas sem nenhuma reivindicação de síntese, tendo apenas o objetivo de oferecer elementos para a compreensão da lógica própria de cada uma dessas construções históricas. Assim,

*Frugoni denuncia o método de combinação em história que explicita com sua metáfora do mosaico; os historiadores apanham os documentos e juntam-nos como se todos os pedaços estivessem destinados a encaixar-se para formar um desenho final, sem fendas nem superposições; no máximo, procuram assegurar-se da autenticidade dos fragmentos. A essa imagem plena e finalista, Frugoni opõe o volume despedaçado e aleatório da estátua deitada abaixo, que devemos restaurar para recuperar a fulgurância das significações parciais mais fortes*⁶⁴.

Os relatos multiplicados sobre Brescia configuram um cenário de descontinuidades e de pluralidade de regimes de verdade, causando no leitor um sentimento de estranheza em relação a essas fontes. Frugoni, como realça Dosse, convida a um novo exame desses documentos, não mais, entretanto, com o sentido de preencher os recorrentes vazios narrativos vislumbrados pelos historiadores que “ajuntaram diversos fatos complementares para ter um relato completo e coerente baseado em hipóteses verossímeis”⁶⁵. Os fragmentos e retratos traçados nos capítulos da obra permitem a apreensão de aspectos da vida de Arnaud, suas lutas, convicções, jamais se aproximando de uma biografia que postulasse uma trajetória total. As fontes e seus testemunhos desnudam diferentes modulações do personagem. O trabalho, dessa maneira, “pretendeu reencontrar nos diversos retratos de Arnaud, além da alma das suas testemunhas, não a ocasião para um novo mosaico de conjecturas visando a uma impossível biografia completa ou a uma ilusória genealogia de doutrinas desarticuladas, mas o significado histórico da experiência de um reformador”⁶⁶. Fragmentos que compõem identidades e fornecem vias de acesso a uma personalidade multifacetada, as fontes não exigem protocolos de verdade, mas descortinam pontos de vista e versões testemunhais de uma identidade que escapa aos dizeres do uno e do indivisível. Tanto em Frugoni quanto em Foucault, talvez estejamos diante do objetivo de “restituir a espessura social de uma biografia a partir de um texto ou de um *corpus* de textos cuja explicação é buscada através de um trabalho de interpretação contextual”⁶⁷.

A permanente aposta biográfica

Como bem lembra Giovanni Levi, a biografia se prestou a diversos usos. Houve épocas em que se imaginava poder contar a vida de um indivíduo sem maiores preocupações com o contexto ou com sistemas normativos. Em outras, o indivíduo foi sumariamente descartado, em virtude da sua pouca utilidade para explicar os grandes fatos históricos ou as correntes de causalidade entre os mais variados eventos. Estaríamos, atualmente, em um momento intermediário: ao mesmo tempo em que o gênero biográfico está no núcleo das práticas historiadoras contemporâneas, suas ambigüidades e incertezas são claramente denunciadas⁶⁸. Muitas delas são resultantes da “própria complexidade da identidade, sua formação progressiva e não-linear” e “suas contradições se tornaram os protagonistas dos problemas biográficos com que se deparam os historiadores”⁶⁹. Ao reconhecermos as limitações das evidências do passado, o caráter condicionado da pesquisa e as dimensões discursivas do nosso ofício, a biografia emerge como uma narrativa fragmentada, mas não menos essencial.

As figurações da escrita biográfica se alimentaram da aproximação com o texto literário, pois “livre dos entraves documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciaram amplamente os historiadores”⁷⁰. Estes, por sua vez, já parecem não demonstrar grande incômodo com o uso da imaginação na ausência de indícios ou vestígios mais seguros dos atos do cotidiano e têm se mostrado cada vez mais à vontade para admitir a parcialidade de suas narrativas e o alcance limitado de suas conclusões.

Poderíamos definir as questões que foram aqui partilhadas como o

⁶⁵ DOSSE, François, *op. cit.*, p. 260

⁶⁶ FRUGONI, Arsênio, *op. cit.*, p. 173.

⁶⁷ REVEL, Jacques, *op. cit.*, p. 245

⁶⁸ LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*, *op. cit.*, p. 167.

⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 173.

⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 168.

⁷¹ DOSSE, François, *op. cit.*, p. 15.

⁷² LEVI, Giovanni, *op. cit.*, p. 178.

sintoma de um mal-estar causado pelas pesquisas de recorte biográfico. Tais questões colocaram em xeque a possibilidade de restituirmos em sua integralidade a vida de um indivíduo e a crença de que uma trajetória humana pode estar fielmente entrelaçada aos fenômenos sociais ou que estes possam claramente delimitar e circunscrever a ação individual. Elas também ajudaram a destacar as incertezas e desvios que predominam em toda relação social, na qual os atores não contam com guias normativos capazes de prever ou limitar, sem ambivalências, os efeitos dos seus atos, já que nenhum sistema é suficientemente estruturado para eliminar todas as possibilidades de escolha, interpretação, manipulação e negociação das regras sociais.

As pesquisas biográficas tornaram possível, com variações de graus e escalas, o redimensionamento de várias problemáticas concernentes à escrita da história e às relações sociais. Elas evitaram a formulação de paisagens monolíticas do passado, mostrando, ao contrário, que se as condições de desigualdade entre os indivíduos limitaram o campo de possibilidades e de escolhas, sempre deixaram margens de manobra, através das quais os homens puderam se movimentar socialmente e promover mudanças, mesmo que pequenas, em seu meio. A escrita biográfica revelar-se-ia, portanto, um *locus* privilegiado, não mais para um acesso ao universal como imaginava Dilthey, mas para a revalorização dos atores sociais, alargando nossa compreensão do passado sem tomá-lo como uma unidade dada e coerente, mas como um campo de conflitos e de construção de projetos de vida.

Contar vidas, narrar experiências e representar trajetórias seguem como anseios demasiadamente humanos. A proliferação de textos ações individuais reitera a aposta biográfica efetivada por sucessivas gerações. Por outro lado, tem se tornado cada vez mais evidente a inadequação da biografia em campos intelectuais rígidos. A flexibilidade e o hibridismo do gênero biográfico têm convertido o biógrafo num hábil manipulador de erudição documental e de vocação romanesca. Suplantando os modelos heróico e modal, viveríamos hoje uma “idade hermenêutica”, na qual a exemplaridade e o personagem-síntese já não mais possibilitam captar todas as fraturas da existência individual⁷¹. A aposta reside aqui na atribuição de significados ao ato biográfico que pode conduzir a uma multiplicidade de outros sentidos. Atento aos riscos dessa modalidade de uso da biografia, Giovanni Levi nos alerta para o fato de que

essa abordagem hermenêutica parece redundar na impossibilidade de escrever uma biografia. Mesmo assim, ao sugerir que é preciso abordar o material biográfico de maneira mais problemática, rejeitando a interpretação unívoca das trajetórias individuais, ela estimulou a reflexão entre os historiadores, levando-os a utilizar as formas narrativas de modo mais disciplinado e a buscar técnicas de comunicação mais sensíveis ao caráter aberto e dinâmico das escolhas e das ações.⁷²

Não nos parece exagerado admitir que nos trabalhos biográficos mais recentes a ênfase se direcionou para a apreensão das pluralidades identitárias e das sucessivas, contraditórias e descontínuas formas de configuração da subjetividade. Das reflexões pioneiras a respeito da “biografia romaneada” do início do século XX, passando pelo inovador trabalho de Frugoni até culminar nos empreendimentos biográficos pouco ortodoxos

de Barthes e Foucault, o gênero dá claros sinais de vitalidade, respondendo, ainda que sob múltiplas fórmulas discursivas, ao inescapável desejo de compreender o outro.



Artigo recebido e aprovado em abril de 2011.